UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PONTA PORÃ
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

SIMONE LIMA

A REALIDADE EMPREENDEDORA DA ALDEIA AMAMBAI DO MUNICÍPIO DE AMAMBAI (MATO GROSSO DO SUL).

PONTA PORÃ

2023

SIMONE LIMA

A REALIDADE EMPREENDEDORA DA ALDEIA AMAMBAI DO MUNICÍPIO DE AMAMBAI (MATO GROSSO DO SUL).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Econômicas, da Unidade Universitária de Ponta Porã, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para conclusão do curso de graduação em Ciências Econômicas.

Orientadora Profa. Dra. Eliana Lamberti

PONTA PORÃ

2023

SIMONE LIMA

A REALIDADE EMPREENDEDORA DA ALDEIA AMAMBAI DO MUNICÍPIO DE AMAMBAI (MATO GROSSO DO SUL).

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Cientifico) apresentado e aprovado para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Ponta Porã.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliana Lamberti – presidente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Profa. Me. Bruna Maria Oliveira Benites Ferreira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. Jonattan Rodriguez Castelli
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

L71a Lima, Simone

A realidade empreendedora da Aldeia Amambai do município de Amambai (Mato Grosso do Sul). / Simone Lima. – Ponta Porã, MS: UEMS, 2023.
19 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Ciências Econômicas - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), 2023.

Orientadora: Profª Drª Eliana Lamberti

1. Empreendedorismo 2. Potencialidades Comerciais 3. Economia indígena. I. Lamberti, Eliana. II. Título.

CDD 23 ed. 658.421098171

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Aline Perdomo Soutelo, inscrita sob o CRB Provisório n° 714 - 1ª Região.

A REALIDADE EMPREENDEDORA DA ALDEIA AMAMBAI DO MUNICÍPIO DE AMAMBAI (MATO GROSSO DO SUL).

Simone Lima
Eliana Lamberti

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a dinâmica do comércio da Aldeia Amambai. De modo específico, buscou-se estudar os conceitos de empreendedorismo e sua aplicabilidade para a realidade da economia indígena, e diagnosticar a realidade e o potencial comercial dentro da Aldeia. Para contemplar os objetivos foi realizada revisão de literatura através de publicações que tratam da temática do empreendedorismo bem como experiências comerciais junto às comunidades indígenas. Foi realizada pesquisa exploratória descritiva com base na observação participante uma vez que a pesquisadora autora deste texto é integrante da Aldeia Amambai. A relação com a terra e o sustento por meio da produção de subsistência faz parte da lógica e da economia indígena, e como analisado pelas referencias, possui fragilidades já que nem sempre consegue garantir segurança alimentar para a comunidade. A pandemia gerou dificuldades e outras formas de isolamento, contudo, a oportunidade comercial foi visualizada por alguns membros da comunidade que souberam organizar, ainda que minimamente, uma estrutura comercial. Fomentar o empreendedorismo junto as comunidades indígenas é importante e indica uma mudança nas alternativas e oportunidade das aldeias. Existe a receptividade e intenção de ajuda mútua, institucional e de fomento à habilidade para que outros negócios possam ser viabilizados. É preciso avançar na discussão e propostas para alternativas de renda na comunidade.

Palavras-chaves: empreendedorismo, potencialidades comerciais, economia indigena.

Ficha Catalográfica

1. INTRODUÇÃO

Os últimos anos tem registrado muitos desafios, especialmente no âmbito econômico e social. A crise gerada pela pandemia da Covid-19 enalteceu os problemas sociais e as oportunidades para a geração de renda. Os grupos populacionais, historicamente mais vulnerável, foram atingidos de modo ainda mais drástico e as formas de exclusão social se ampliaram.

O estado de Mato Grosso do Sul conta com a terceira maior população indígena do país: aproximadamente 116 mil indígenas de 10 (dez) etnias diferentes (Terenas, Ofaié, Kadiwéu, Guató, Guarani[1] subgrupos Kaiowá e Ñandeva, Kinikinau e Atikum) distribuídas em 29 municípios. (PAZ, LANDA, LAMBERTI: 2019). A Aldeia Amambai está localizada na cidade de Amambai/MS que também comporta outras duas aldeias: a Limão Verde e a Jaguary. Segundo o censo do IBGE (2022)[2] a cidade de Amambai possui 39.325 habitantes e deste total cerca de 16 mil (40%) são declarados indígenas.

Neste contexto, a presente proposta relaciona-se com a realidade da Aldeia Amambai que tem aproximadamente 10 mil habitantes distribuídos em 2.381 hectares. A terra Indígena (T.I) de Amambai é ocupada pela etnia Guarani-Kaiowá, que nesse espaço, busca manter sua cultura e oportunidades para demonstrar que eles têm uma proposta alternativa de desenvolvimento sustentável por meio da prática da agricultura, dos artesanatos e do cuidado e respeito para com a natureza.

Os povos guaranis e kaiowá tiveram que se adaptar e com a nova realidade (durante e após a pandemia do Covid-19), muitos tiveram que buscar outras estratégias para conseguir uma renda. Para que possam ter uma renda extra de sustentar a sua família através de sua criatividade a busca por empreender dentro da aldeia se tornou uma necessidade. Diante disso, a maioria das pessoas começaram a pensar por esse lado de empreender na comunidade.

Este assunto (negócio e empreendedorismo) passou a estar presente na realidade da Aldeia bem como a necessidade de ter conhecimento sobre o planejamento empresarial. Passando por esse processo (especialmente, nos anos de 2020 a 2022), observamos que essa oportunidade para o desenvolvimento da aldeia Amambaí por meio do empreendedorismo pode ser importante para as comunidades indígenas. Contudo, para ocorrer o comércio sustentável e empreendedorismo na aldeia, é preciso capacitação. Observa-se que para vender seu produto na aldeia as pessoas tem que ter noção de custos, preços e concorrência. É difícil competir com os produtos feitos em grande escala. Diante

[1] E os seus subgrupos Kaiowá e Ñandeva.
[2] https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/amambai/panorama.

disso, as pessoas verificam que os preços do seu produto na aldeia são mais caros do que os similares comercializados na cidade.

Desta forma, o problema de pesquisa proposto corresponde a entender por que é importante abordar/fomentar o empreendedorismo junto às comunidades indígenas? O presente estudo tem por objetivo geral analisar a dinâmica do comércio da Aldeia Amambai. De modo específico, buscou-se estudar os conceitos de empreendedorismo e sua aplicabilidade para a realidade da economia indígena, e diagnosticar a realidade e o potencial comercial e empreendedor dentro da Aldeia.

Para contemplar os objetivos foi realizada revisão de literatura através de publicações que tratem da temática do empreendedorismo bem como experiencias comerciais junto às comunidades indígenas. De modo empírico, foi realizada pesquisa exploratória descritiva com base na observação participante uma vez que a pesquisadora autora deste texto é integrante da Aldeia Amambai. Tentou-se fazer registros fotográficos para fins de ilustrar alguns aspectos do comércio na Aldeia, mas não foi autorizado esse tipo de registro. De todo modo, as próximas páginas estão organizadas e apresentam o modo pelo qual os objetivos foram contemplados.

2. EMPREENDEDORISMO E ECONOMIA INDÍGENA

Em meio ao cenário de grandes incertezas no mercado de trabalho, o empreendedorismo aparece como oportunidade de renda para muitas pessoas. Empreender é um processo humano, com toda carga que isso representa: ações dominadas por emoção, desejos, sonhos, valores, ousadia de enfrentar as incertezas e de construir a partir da ambiguidade e no indefinido; consciência da inevitabilidade do erro em caminho não percorridos; rebeldia e inconformismo; crenças na capacidade de mudar o mundo; indignação diante de iniquidade sociais. Empreender é, principalmente um processo de construção do futuro (DOLABELA, 2003, p. 29).

Dolabela (2003) apresenta uma síntese de várias perspectivas e publicações sobre a temática. A pratica empreendedora muitas vezes é instigada pela transferência de conhecimento repassada pelos antepassados, que promove a produção das atividades de determinada região, mantendo a cultura local e buscando atender suas necessidades (OLIVEIRA; ANDRADE, 2017 *apud* DOLABELA, 2003).

O termo empreendedorismo se caracteriza pela “identificação das necessidades dos indivíduos envolvidos, de modo a gerar empregos, valor e contribuir para o

crescimento econômico e social" (HALICKI, 2012, p. 42 *apud* DOLABELA, 2003). O conceito empreender passou por fases e alterações. No empreendedorismo, um dos termos mais comuns são criação e inovação. Muitas vezes, a pessoa encontra-se em um cenário de desemprego, que para propor uma oportunidade para gerar renda, realiza suas ideias e faz o diferencial no mercado de trabalho (SANTOS, 2020 *apud* DOLABELA, 2003).

Empreender é explorar e avaliar as oportunidades, diversificar e expandir o seu próprio negócio. O empreendedor, por possuir diversas características, é estimulado a alcançar o sucesso do seu negócio. Empreender é se dedicar ao máximo naquilo que almeja (SCHNAIDER et al., 2017 *apud* DOLABELA, 2003). O empreendedor tem uma visão de abrir o seu próprio negócio através da visão comercial. Ao abrir uma empresa e persistir no negócio no qual vai atuar, descobre ao longo do tempo que tem um poder de liderar o seu próprio negócio. O tema empreendedorismo se faz importante pois promove benefícios e condições para o desenvolvimento econômico e social, podendo permitir o processo de crescimento da região inserida (SOLEDADE, 2015 *apud* DOLABELA, 2003).

No longo prazo, a maioria percebe que empreender é algo positivo para o conjunto local e isso mostra que podemos criar nosso negócio dentro das comunidades indígenas, e com toda certeza vai trazer um benefício de resultado ótimo. Em um determinado caminho a pessoa já tem em mente qual negócio pretende abrir para permanecer e ser persistente para ir além do que é planejado. Quando isso acontece, mostra-se que tem um perfil de empreendedor.

A economia indígena se relaciona com o empreendedorismo ao gerar a renda através de comercio e empregar as mulheres para que tenham seus próprios ganhos. A maioria das empreendedoras da Aldeia são as mulheres e estudante que tem seus sustentos através de seu comercio porque elas determinam que podem gerar mais emprego, ter renda e várias outras coisas que poder sair um resultado bom para as comunidades indígenas. Portanto, o empreendedorismo pode ser compreendido como a arte de fazer acontecer com criatividade e motivação. Na busca de desenvolvimento e geração de renda, criam-se formas de crescer e atender suas necessidades, de modo que alguns têm suas particularidades e diferenças, dependendo das circunstâncias.

Existem estudos que demostram alternativas para o desenvolvimento local, como o caso do Martins (2021) e Silva (2021) que destacam a relevância de estudar o desenvolvimento nas questões indígenas, haja vista que, atualmente, os povos indígenas simbolizam a resistência a uma política do Estado que pouco ou quase nada faz em

benefício de melhorar a qualidade de vida dos povos originários. Uma concepção adequada de desenvolvimento deve ir muito além da acumulação de riqueza e do crescimento do Produto Nacional Bruto e de outras variáveis relacionadas à renda [...]. O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhoria de vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. (SEN, 2010, p. 28-29).

Ainda que as pessoas passam dificuldades, buscam melhorar a comunidade indígena na aldeia Amambai, principalmente, por parte de empreendedorismo. Conforme eles têm acesso ao conhecimento, eles persistem para conseguir superar a dificuldade. A superação dessas pessoas que estão lutando para melhorar a qualidade dos povos originários influencia as outras pessoas que também começam a ver os resultados dos seus colegas. Concluem que cada um dos indivíduos pode abrir seu próprio negócio e são inspirados pela trajetória dos demais. Segundo o Serviços Brasileiro de Apoio às Micro e pequenas Empresas (Sebrae, 2018), empreendedorismo é o processo de iniciativa de implementar novos negócios ou mesmo mudanças em comunidades onde se tem a cultura da compra e venda de produtos.

A atividade econômica da aldeia Amambai (Guapoy[3]) constitui-se basicamente de agricultura e comercio. Tais atividades são voltadas para a subsistência, dada que a unidade básica do trabalho da população indígenas local sempre foi a família, conforme destacam Martins (2021) e Silva (2021). Portanto, o empreendedorismo indígena torna-se relevante pois, por meio deste, pode-se analisar como as comunidades estão trabalhando e suas perspectivas na utilização de recursos locais e produções na geração de renda.

[3] Associação Guapoy é fruto da demanda da comunidade como meio para fomentar o desenvolvimento da região local, através de 5 eixos principais (educação, saúde, geração de renda, agricultura e cultura). A atividade econômica principal é o apoio à educação. De forma complementar, busca incentivar o cultivo de milho, mandioca e demais atividades agrícolas; pesquisa de mercado, organização de feiras, exposições, treinamento, praticas integrativas em saúde humana, assistência social e defesa dos direitos sociais. https://www.informecadastral.com.br/cnpj/associacao-guapoy-35706660000177. Destaca-se também, que o município conta com um vereador indigena e outros indígenas estão conquistando espaços sociais e políticos como por exemplo junto ao Ministério Público Federal.

Figura 1. Imagem aérea da entrada da Aldeia Amambai

Fonte: imagem fornecida por Jovelso Gonçalves

A realidade da Aldeia Amambai foi analisada através de 03 (três) trabalhos de conclusão de curso junto à Unidade Universitária de Ponta Porã. Um destes trabalhos foi realizado junto ao curso de Administração, e dois junto ao curso de Ciências Econômicas.

Benites (2019) buscou analisar a viabilidade de produção e comercialização de alimentos da Aldeia por meio dos fundamentos da Ciências Administrativas. Segundo a pesquisadora, as pessoas da aldeia têm interesse de plantar alimentos na roça. Como a própria família é de agricultores, a cultura da relação com a terra é herança das tataravós que ensinaram que na comunidade pode plantar o que quiser e para não deixar de lado as relações de pertencimento. Essa prática de subsistência pode gerar renda para a família.

Crescer numa família de agricultores faz com que a comunidade indigena tenha em mente que não devem abandonar essa cultura e relação com a terra. O sentimento de pertencimento a uma etnia que “vale a pena” não mudar tudo deve preponderar e manter os hábitos e costumes quem sendo repassado desde os antepassados. E ainda, essa questão hoje em dia, tendo em vista das dificuldades financeiras que tornam as coisas mais caras, deve ser mantida a relação com a terra já que podemos plantar sem custo nenhum. Entretanto, diagnosticou se que, mesmo assim, a comunidade não consegue manter isso na realidade da reserva indígena e muitos membros da comunidade preferem comprar do que plantar na própria terra.

A pesquisadora (Benites, 2019) ainda destacou que a agricultura familiar é muito importante para o pequeno comercio local, cooperativas, agroindústria de produtos orgânicos, porque eles são os que compram e consomem esses produtos agrícolas. Pois, todo agricultor familiar tem capacidade de crescer a ter boa rentabilidade, mas o que falta é buscarem uma estratégia de mais conhecimento técnico em relação de como melhorar na produção e comercialização, buscar por novos compradores.

Outro trabalho de pesquisa (Martins, 2021) buscou discutir a abordagem do etnodesenvolvimento da aldeia Amambaí e atividades potenciais. Segundo o autor deste trabalho monográfico, é possível promover o desenvolvimento local da Aldeia Amambaí a partir da abordagem do etnodesenvolvimento. O autor aponta sobre o modo pelo qual se dá a relação com a terra dos povos originários, de como as pessoas convivem entre si e dentro da aldeia e como eles se mantem para sobreviver. E ainda, destaca a situação da aldeia Amambaí pela realidade dos povos guarani e kaiowá. Segundo ele, esta realidade é muito precária bem com as famílias se preocupam em como solucionar os problemas cotidianos uma vez que a cidade é longe, o que dificulta tanto para a compra dos alimentos e outros bens que estão faltando, como para poder trabalhar ou vender os próprios produtos.

O autor relata a experiencia da sua família cuja atividade principal é a criação de frango caipira. Outros familiares são agricultores de subsistência e são especialistas na produção de produtos como: mandioca, batata doce, milho, abobora, feijão, banana. Para Martins (2021), cada família tem algo que faz para ter o seu lucro em um determinado produto, e afirma que basta querer trabalhar para poder obter o seu negócio dentro da aldeia Amambaí/MS.

É relevante estudar o desenvolvimento nas questões indígenas haja vista que atualmente estes povos simbolizam a resistência a uma política do Estado que pouco ou quase nada faz em benefício de melhorar a qualidade de vida desta comunidade. O pesquisador conclui que é preciso ter projetos para obter apoio para fortalecer os agricultores na comunidade indígena. É preciso pensar na educação e na saúde, mas principalmente na geração de renda da agricultura para fomentar o desenvolvimento local da aldeia. Destacamos que a metodologia empregada para a construção deste trabalho e destas reflexões foi a observação participante, uma vez que o autor também é morador da Aldeia Amambai/MS.

O terceiro trabalho monográfico é de autoria de Silva (2021) que buscou estudar a produção da erva-mate para a promoção do etnodesenvolvimento entre os Guarani Kaiowá na aldeia Amambai. De acordo com o pesquisador, a Aldeia Amambaí foi se

desenvolvendo muito ao longo do tempo mostrando que os povos originários tem condições de vida melhores de todas as aldeias que conhecemos. As pessoas estão abrindo seu próprio negócio ou que já possui seu negócio o que tem trazido resultados e melhorias para a população da aldeia. O plantio da erva-mate começou há pouco tempo, e essa (nem tão) nova cultura agrícola deve ser somada aos demais agricultores, empreendedores de comércios, empreendedora de lojas isso vem ajudando muitas pessoas terem sua rentabilidade ampliada.

Antigamente, as pessoas não tinham essa ideia em mente de melhorar a condições de vida, nem sabia se podia fazer algo para melhor a rentabilidade das famílias. Como os jovens estão tendo acesso à educação superior, podem dar melhores condições de vida para os filhos, isso incentiva as famílias e os membros mais velhos indicando que também podem fazer parte de negócios ou buscarem oportunidades diferentes.

Silva (2021) relata ainda que os jovens conseguem movimentar as atividades econômicas dentro da comunidade. Os mais velhos não têm essa oportunidade na mente: que podem sair da rotina e vender para outras pessoas que moram na aldeia sendo que podem também comercializar na cidade ou nos outros municípios vizinhos. A conclusão do trabalho indica que o etnodesenvolvimento a partir da cultura da erva mate pode ser viável no tempo certo porque a erva-mate além de ser um remédio, pode ser usado na culinária (fazer bolos) e outras coisas de modo a gerar atividades econômicas dentro da aldeia Amambai. Além disso, gera renda por meio da venda.

3. A REALIDADE COMERCIAL DA ALDEIA AMAMBAI

O município de Amambai instituiu, em 2021, uma estrutura administrativa especifica para planejar e coordenar ações voltadas às comunidades indígenas presentes em seu território. A Secretaria Municipal de Assuntos Indígenas (SEIND[4]) foi criada pela Lei Municipal 2.773/2.021 e tem por objetivo promover o cuidado para com as comunidades indígenas através da preservação dos valores culturais e históricos, formação e capacitação, pesquisa e produção de conhecimento, estímulo à valorização científica e cultural indígena, assessoramento em políticas públicas socioeducativas, e fortalecimento da identidade cultural. Esta institucionalização indica uma conquista importante, além da visibilidade e inserção da comunidade indígenas na agenda política

[4] https://amambai.ms.gov.br/secretaria-de-assuntos-indigenas/. No mês de novembro de 2023, será comemorado os 108 anos da Aldeia que foi a primeira reserva indígena demarcada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 10 de setembro de 1915.

local. Este contexto de necessidades e as oportunidades em se tratando da capacitação da comunidade indígena dialogam com a proposta deste trabalho. Então, a SEIND e a Associação Guapoy atuam para a melhoria do ambiente de capacitação e oportunidades empreendedoras na e para a Aldeia.

Figura 2. Artesanato da Aldeia Amambai

Fonte: imagem fornecida por Jovelso Gonçalves.

A metodologia empregada para descrever a realidade empresarial na Aldeia Amambai consistiu em observação participante, uma vez que a autora deste trabalho é moradora da Aldeia Amambai. A seguir, apresenta-se a análise do objeto pesquisado (comércio da Aldeia Amambai) a partir do relato de observação.

A primeira questão que se destaca é que foram abertos novos empreendimentos comerciais no período da pandemia, também em função da busca por novas fontes de renda e sustento das famílias. Identificou-se que até o ano de 2019, era aproximadamente dez unidades comerciais e em sua maioria, eram de comércio de alimentos. Atualmente, este número mais que duplicou. Embora a maior parte seja de comercio de alimentos, houve oportunidade para o comércio de roupas, prestação de serviços mecânicos.

Destaca-se a inauguração de atividade de padaria, que é considerado um empreendimento da indústria alimentícia.

Quadro 1. Descrição da quantidade de lojas/comércio por tipo de produto

Tipo de produto	Número de estabelecimentos até 2019	Número de estabelecimentos a partir de 2020
Comércio produtos de Alimentação	08	15
Comércio bebidas (conveniências)	01	01
Comércio de roupas	01	04
Padaria	-	02
Oficina mecânica	-	02

Fonte: pesquisa de campo

O número médio de pessoas que trabalham em cada estabelecimento é em torno de dois indivíduos. Em relação aos produtos, verificou-se que estes são comercializados dentro da comunidade tem como fornecedores outros agentes locais. No caso do comercio de alimentos, o fornecimento é da cidade que possui dois empreendimentos atacadistas. O comércio atacadista do município de Ponta Porã também é um fornecedor cujos preços são mais competitivos. Os agentes comerciais da Aldeia analisam de onde é mais viável comprar no atacado.

Destaca-se um empreendimento comercial de roupas semi novas (figura a seguir) cujo fornecimento também é de Amambai e Ponta Porã, ou mesmo de Dourados. A origem dos produtos, obviamente, é escolhida de acordo com o menor custo.

Figura 3. Fachada de um estabelecimento comercial da Aldeia Amambai

Fonte: registro fotográfico da pesquisadora (outubro/2023).

Os indígenas comerciantes levam em consideração o custo-benefício e pode ocorrer outras formas de revenda interna. Em relação à forma de pagamento, ainda não são adotadas as formas virtuais ou de crédito por meio de cartão porque o desconhecimento gera incerteza sobre a efetividade do pagamento. Verifica-se neste quesito, uma necessidade e oportunidade de educação financeira e formas de pagamento para que possa ser usado esse novo método de pagamentos.

A situação na aldeia é de precariedade nos aspectos básicos e essenciais como no que se refere ao transporte para se locomover para ir até a cidade comprar os bens que necessitam dentro de sua casa. Algumas famílias já percebem a importância de propor formas para solucionar os problemas, e aos poucos para melhorar a realidade de comunidade. Um exemplo é a trajetória comercial de Izabel Benites de Oliveira[5] que ao passar dificuldades e buscando sustentar sua família, dar algo bom para seus filhos e não quer que seus filhos passem também pela essa situação que ela passou, em 2014 ela começou dar um passo para frente abrindo seu primeiro negócio (mercado de alimentos) durou até 3 anos e consistia na venda de alimentos para os povos originários dentro da comunidade tanto da aldeia como de outras aldeias (Limão Verde e Guaimbê) de municípios próximos.

[5] Mãe da autora desta pesquisa.

Depois de um tempo, ela percebeu que o perfil dela se encaixava no comércio de roupas. Então, ela prosseguiu nesse processo em mudar de alimentos para lojas de roupas, e foi buscar informações de onde pegar roupas para revender aqui para as comunidades. Foi feito contato com os donos de uma loja que havia aberto em Amambai cujos donos não eram da cidade e começou um processo de troca de ideias e experiencias. Estes empresários gostariam de ter informações e pediu para conhecer a aldeia. Ao conhecerem, não esperavam que a realidade dos povos originários fosse diferente do que os programas de televisão ou os livros indicam. Solicitaram ajuda para se aproximar das pessoas que residem nas aldeias, e isso fez com que d. Izabel fosse desenvolvendo habilidades comerciais e isso incentivou ela começar a vender roupas. Essa iniciativa comercial não encerrou os laços com aqueles empresários, ao contrário, se transformou em parceria comercial.

O novo ramo comercial permitiu a aproximação com mais membros das comunidades (que a venda de alimentos não promoveu). A atividade comercial ocorre simultaneamente com a pratica da doação de roupas para as famílias mais necessitadas ou para a igreja. Então, “a minha mãe é muito conhecida através desse talento que tem o sucesso de trabalhar com as comunidades da aldeia Amambaí/MS”.

Nestes últimos anos, apesar das dificuldades, de um modo geral a aldeia como um todo passou por melhorias e conquistas, conforme relatado por Benites (2022). As oportunidades geradas foram percebidas e inspirou outras pessoas a abrir seus negócios, mesmo que junto a própria casa. Diante disso, “...a evolução da aldeia foi o resultado mais inesperado para todas porque percebemos que a gente tem uma habilidade enorme para podermos abrir o próprio negócio aqui dentro da comunidade”.

De forma, essa visão positiva começa a influenciar as pessoas porque a comunidade vê a importância das atividades econômicas na aldeia. Muitas famílias não precisam mais ir até a cidade para comprar algo que necessitam e preferem comprar daqui da aldeia se os preços forem justos. Outro diagnóstico se refere ao atendimento. A comunidade indígena, em geral, não é bem atendida no comércio da cidade.

Portanto, existe potencial empreendedor na aldeia, mas é preciso capacitação comercial e financeira para que outros negócios sejam incentivados, viabilizados e formalizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi provocar a reflexão sobre a realidade comercial dentro da Aldeia Amambai. A partir da leitura de textos que fizeram a aproximação da dinâmica econômica indígena com o empreendedorismo e dos trabalhos de conclusão de curso da área da administração e ciências econômicas da Unidade de Ponta Porã, é possível compreender as especificidades, potencialidades e desafios da organização produtiva e comercial da comunidade indígena.

A relação com a terra e o sustento por meio da produção de subsistência faz parte da lógica e da economia indígena, e como analisado pelas referencias, possui fragilidades já que nem sempre consegue garantir segurança alimentar para a comunidade. A pandemia gerou dificuldades e outras formas de isolamento, contudo, a oportunidade comercial foi visualizada por alguns membros da comunidade que souberam organizar, ainda que minimamente, uma estrutura comercial.

Conclui-se que não adianta entrar em negócio ou atividade comercial se não souber como funciona a gestão financeira de um empreendimento. Então, as comunidades indígenas precisam de capacitação já que não sabem lidar com análise de custo, formação dos preços, planejamento das atividades dentro da aldeia Amambaí. Muitas dessas questões fazem com que a maioria desista de trabalhar por sua conta própria, porque para eles é muito difícil de trabalhar assim. Ou melhor, não é difícil de trabalhar: falta de conhecimento.

O empreendedorismo é uma atividade que contribui de inúmeras formas para o desenvolvimento da Aldeia Amambaí. Além de gerar mais empregos formais, o empreendedorismo pode ajudar a desenvolver a aldeia, e criar outras oportunidades e serviços a partir dos seus negócios. O desenvolvimento de habilidades empreendedoras tornara as pessoas mais aptas a analisar problemas complexos, propor soluções inovadoras e crescer profissionalmente, seja criador do seu próprio negócio ou dentro de uma empresa. Fomentar o empreendedorismo junto as comunidades indígenas é importante e indica uma mudança nas alternativas e oportunidade das aldeias. Existe a mentalidade e intenção de ajuda mútua e fomentar a habilidade para que outros negócios possam acontecer. É preciso avançar na discussão e propostas para alternativas de renda na comunidade.

O etnodesenvolvimento se conecta com o empreendedorismo por meio das oportunidades de crescimento econômico e consequente aumento da renda per capita da aldeia Amambaí. O empreendedorismo tem relação com o etnodesenvolvimento ao

procurar o fortalecimento de sustentar a família gerando renda e emprego para as pessoas que estão desempregados.

Da mesma forma, o etnodesenvolvimento se conecta ao empreendedorismo através da agricultura, da sustentabilidade e da superação da dependência comercial. Então, o etnodesenvolvimento nos dá a oportunidade de começar a empreender do zero a partir da riqueza étnica de cada aldeia.

Os povos originários buscam melhorar a qualidade de vida para as pessoas que tem dificuldade, e que estão em condições de vulnerabilidade. Por fim, o resultado do etnodesenvolvimento é uma boa oportunidade de mudar a vida das pessoas que necessitam de emprego. Isso mostra que a comunidade pode ser inventiva e criativa para poder ter alternativas de renda. A maioria é composta por mulheres que estão tendo mais habilidade empreendedora para o seu negócio na aldeia e o resultado tem sido muito melhor do que esperado porque continuam batalhando para ter evolução do seu negócio.

Portanto, essa pesquisa indicou os avanços, conquistas e os desafios que a comunidade indigena da Aldeia Amambai vivencia. Institucionalmente, a Seind e a Associação Guapoy estão unindo esforços e experiencia para fomentar o empreendedorismo e o etnodesenvolvimento, mas o caminho a ser percorrido ainda é muito longo e tortuoso. Espera-se que este texto inspire novas pesquisas e reflexões sobre esta população que representa a identidade sul-mato-grossense.

Referencias

BENITES, K. Análise da realidade socioeconômica da Aldeia Amambai/MS pela perspectiva etnodesenvolvimentista. Revista de Iniciação Científica VERUM, v. 2, p. 40-54, 2022. Disponível em: https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeiniciacaocientifica/article/view/369.

BENITES, K. Viabilidade de produção e comercialização de alimentos na Aldeia Amambai. Monografia de Graduação em Administração. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. UEMS/ Ponta Porã: 2019.

DOLABELA, F. Empreendedorismo, uma forma de ser: saiba o que são empreendedores individuais e coletivos. Brasília, DF: Agência de Educação para o Desenvolvimento, 2003.

MACÊDO, Amanda Machado. OLIVEIRA, Priscila da Costa. BRASIL, Marília Carvalho. WENDHAUSEN, Enimar Jerônimo. Economia indígena: os modos de produzir e viver dos Ticuna na cidade de Tabatinga (AM). Trabalho apresentado no XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014.

MARTINS, Valdeir Villalba. Etnodesenvolvimento da aldeia Amambaí: Atividades potenciais. Monografia de Graduação em Ciência Econômica. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. UEMS/Ponta Porã: 2021.

PAZ, Patrícia. Pogliesi. LANDA, Beatriz dos Santos. LAMBERTI, Eliana. UEMS e discentes indígenas: algumas reflexões sobre desenvolvimento. IN: DEFFACCI, F. SOUZA, E.P. FACHIN, V.S. Desenvolvimento Regional: fronteira sul-mato-grossense em perspectiva. Jundiaí, SP: Paco, 2019.

SEN, Amartya. Desenvolvimento como Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA. Fernando Ricarte. Erva -Mate como Idealizador do desenvolvimento socioeconômico na comunidade Guarani Kaiowá em Amambai no estado do MS. Monografia de Graduação em Ciências Econômicas. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. UEMS/Ponta Porã, 2021

SILVA, Marcos Pereira da, SISSI, Severina Alves de Almeida. Empreendedorismo indígena no Tocantins: um estudo com a comunidade Apinajé da Aldeia São José. Original Article. J Business Techn. 2019;10(2): 120-137.

SILVA, Midiã Naama Conceição da. GOMES, Francisco Edson. Empreendedorismo indígena: uma revisão de literatura. Rev. Empreendedorismo, negócios e inovação. S. B. do Campo, v.07, n. 01, janeiro – junho, 2022.